

SOPHIE MORGAN

*DIÁRIO SECRETO
DE UMA MULHER*

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

RUI AZEREDO

ASA

A primeira coisa que há a dizer é que não sou uma depravada. Bem, pelo menos não o sou mais do que qualquer outra pessoa. Quem viesse ao meu apartamento ficaria mais espantado com as pilhas de louça na banca do que com a minha masmorra – também porque o custo de vida na cidade é de tal forma elevado que tenho sorte em ter encontrado um lugar com uma sala de estar que posso alugar sozinha sem sair do meu orçamento. Digamos apenas que uma masmorra não era na verdade uma opção.

Portanto, para responder a alguns desses estereótipos irritantes, nem sou um capacho nem uma simplória. Não anseio passar os meus dias a cozinhar enquanto alguém caça e colhe por mim e eu mantenho as lareiras de casa acesas, e ainda bem que assim é, pois tirando um assado de domingo decente, não sou lá grande cozinheira. Também não pareço a Maggie Gyllenhaal no filme *A Secretária*. Lamento.

Apenas se dá o facto de ser, em alturas em que o desejo se apodera de mim e tenho alguém de confiança com quem brincar, uma submissa. Não que alguém se apercebesse disso se me conhecesse. Trata-se apenas de uma faceta da minha personalidade, uma das muitas características que me compõem – coexistindo com a minha adoração por morangos, a tendência irreprimível para continuar a

discutir teimosamente mesmo quando sei que estou errada e a inclinação para detestar 99 por cento dos programas televisivos e ainda assim tornar-me obsessiva em relação ao restante 1 por cento a um nível que até a mim me assusta.

Sou jornalista num jornal regional. Adoro o meu trabalho e – não que fosse realmente necessário referi-lo – ser submissa não tem influência no meu trabalho. Sinceramente, se tivesse, estaria constantemente a ser incumbida de fazer chá e escrever artigos menores, o que é realmente um destino pior do que a morte. Além disso, as redações são um lugar de eleição para gracejos. É um mundo cão e é preciso tratar os outros como nos tratam a nós. É o que eu faço.

Considero-me uma feminista. Não há dúvida de que sou independente. Competente. Segura. Para alguns, isso poderá parecer incongruente com as minhas escolhas sexuais, com as coisas que me dão prazer. Por uns tempos, isso pareceu-me perturbador. Na realidade, às vezes ainda parece, mas cheguei à conclusão de que há coisas mais importantes com que me preocupar. Sou uma mulher crescida com uma mente por norma sensata. Se pretendo entregar o meu controlo pessoal a alguém em quem confio para que me leve a um sítio que se revele entusiasmante e sensual para ambos, então, desde que não o faça num sítio onde assuste criancinhas ou animais, acho que é um direito que eu tenho. Responsabilizo-me pelos meus atos e escolhas.

No entanto, levei o meu tempo a chegar a este patamar. Diria até, se os *reality shows* não se tivessem apropriado da palavra para a transformarem em algo que dá náuseas e pede uma montagem de vídeo tipo *soft rock*, que tem sido uma espécie de jornada, e foi daí, na verdade, que nasceu a ideia deste livro. Não se trata de um manifesto ou de um manual, embora goste de pensar que quem goste deste tipo de coisas e pretenda saber mais possa obter algumas ideias. É apenas o que me aconteceu, como descobri e explorei esta minha faceta, as minhas experiências, os meus pensamentos. Perguntem a outro submisso o que pensa, e o que significa para ele ser submisso, e terão um livro completamente diferente.

Olhando agora para trás, as minhas tendências de submissão começaram cedo, embora na altura eu não as chamasse assim. Sabia apenas que havia certas coisas que me excitavam, que dava por mim a ansiar sem efetivamente conseguir perceber porquê.

Naturalmente, em criança não tinha a mínima noção disso – passava o tempo ocupada a crescer num belo lar de classe média nos Home Counties¹. Detesto ter de desmistificar as coisas, mas não houve nenhum drama profundo no meu passado nem nenhuma lacuna nos meus anos de crescimento que tenham exacerbado o meu presente amor pela sordidez. Não tive problemas com o meu pai, não houve aflições na minha vida caseira e a minha infância foi – felizmente para mim mas provavelmente não muito excitante para o propósito de escrever livros – feliz, calorosa e simples. Tive, e continuo a ter, muita sorte com a minha família – somos todos muito diferentes uns dos outros, mas os laços de amor e um sentido de absurdo comum unem-nos nos bons e maus momentos, e sinto-me uma felizarda por os ter a todos.

Cresci num belo lar com a minha mãe, o meu pai e o meu irmão.

A minha mãe, que antes de me ter era contabilista, dedicou a sua vida a educar o meu irmão e a mim, e é sem dúvida o coração da família. Passou muito tempo connosco, criando-nos como gente em ponto pequeno, quer isso implicasse ajudar-nos nos trabalhos de casa ou brincar connosco no jardim. Não era adepta de ficar de lado a ver-nos; se íamos patinar, ia connosco patinar. A outra paixão dela era fazer, ela própria, à vez, arranjos em todas as divisões da casa, o equivalente em *bricolage* a renovar a Forth Bridge², mas com papel de parede *Laura Ashley*.

O meu pai dirige o seu próprio negócio e é o homem mais trabalhador que conheço, incansável para nos dar tudo, e que assegurou

¹ Região que se refere aos condados do Sudeste e Este de Inglaterra que ficam em redor de Londres. (*N. do T.*)

² Expressão coloquial usada para descrever uma tarefa infundável. Forth Bridge é uma ponte na Escócia com cerca de 2500 metros. (*N. do E.*)

que às nossas infâncias nunca faltassem as bicicletas ou os brinquedos novos que quiséssemos (felizmente, a minha mãe estava sempre presente para assegurar que esses bens eram oferecidos com sensatez, para evitar que nos tornássemos insuportáveis), oportunidades de viajar e uma maravilhosa vida caseira. Divertido e esperto, tem um sentido de aventura que acho ter herdado, juntamente com uma liberdade de espírito e um sentido sem remorsos de «eu sou assim» que encorajou nos seus filhos, tendo por vezes colidido com os pontos de vista dos seus próprios pais sobre o que ele *deveria* fazer na vida, em oposição ao que queria fazer.

O meu irmão, em muitos sentidos, é o oposto de mim. Enquanto eu sou essencialmente sossegada e me sinto mais confortável junto de uns poucos amigos mais chegados, ele é a alma da festa, aquele cuja energia anima uma sala, que leva as coisas a serem concretizadas. Apesar das nossas diferenças, é a pessoa a quem ligaria primeiro às três da manhã se estivesse com algum problema, também por ele ser praticamente notívago. Sinto-me incrivelmente afortunada por este homem, que provavelmente será a pessoa com quem mais tempo passei na vida, ser alguém tão espantoso – contudo, hilarantemente e apesar deste elogio sonante, deem-nos três dias juntos na casa da família numas férias de Natal e regressamos de pronto à adolescência, discutindo sobre quem passou demasiado tempo no quarto de banho (por norma, é ele).

A nossa acolhedora casa geminada foi também partilhada com uma coleção de animais, desde o *Douradinho*, o peixe-dourado – não gozem, eu só tinha três anos quando lhe dei o nome – ao *Queijinho*, o *hamster*, e *Barry*, o cão – que foi batizado durante a minha fase «porque é que os cães não hão de ter nomes de pessoas?» (uma questão que rapidamente teve resposta quando o meu pobre pai andava às voltas pelo parque a berrar «*Barry!*» de um modo que sem dúvida perturbava todas as outras pessoas que iam passear os cães). Sempre gostei de animais e uma das recordações mais fortes que tenho da infância é a de enterrar um pássaro morto que encontrei no jardim, contrariando a minha mãe, que, compreensivelmente,

estava preocupada com questões higiénicas. Quando ela descobriu que não só a contrariara pegando no pássaro para o levar para o seu último destino como também presidira a um serviço fúnebre ao qual assistiram o meu irmão e os filhos dos nossos vizinhos do lado – perdido por cem, perdido por mil – fui mandada de castigo para o meu quarto. Por norma, tal castigo, para mim, embora fosse a principal medida punitiva dos meus pais para mau comportamento – não havia punições corporais na nossa casa –, não era de todo um castigo. O meu quarto era um dos lugares onde mais gostava de estar, pois encontrava-se repleto de livros, nos quais gastei todos os meus tostões, e passei horas de felicidade sentada na beira da janela a ler e a observar o mundo a passar. Mas naquela ocasião achei que se tratava de injustiça a mais. Escrevi uma carta de desagrado ao David Bellamy³ a relatar-lhe o opressivo regime anticonservacionista em que era forçada a viver, onde pássaros mortos eram postos de lado por adultos insensíveis. Ele nunca respondeu, o que provavelmente até foi melhor, pois temo que se o tivesse feito poderia ter-me dito para dar ouvidos à minha mãe, o que só me teria deixado ainda mais revoltada. O facto de isto ser, que me lembre, o mais parecido com um confronto com a minha mãe em criança é testemunho de nunca ter sido por natureza uma rebelde. Ocupava-me tranquilamente com as minhas coisas, mas nunca perdi tempo a testar os limites, principalmente porque me permitiam fazer quase tudo o que me apetecia, e em geral, por princípio, não me dava ao trabalho de discutir. Isso, notoriamente, mudou conforme fui envelhecendo.

O meu interesse na escrita começou ainda nova – lembro-me de escrever e ilustrar histórias em pequenos blocos A5 atados com lacinhas. As minhas histórias baseavam-se, por norma, em programas televisivos, livros e filmes para crianças de que gostava. O nível da minha escrita era consideravelmente melhor do que o dos meus

³ Defensor do meio ambiente nascido em Inglaterra em 1933. (*N. do T.*)

desenhos, embora nesse ponto isso não tivesse grande significado. Aventurei-me muito cedo na arte, ao ver algo nas notícias sobre uma criança precoce cujas obras estavam a ser vendidas por milhares. Infelizmente, quando produzi um par de trabalhos pintados a lápis e marcador, com colagens, a minha mãe ficou feliz por aceitar a primeira ilustração que lhe dei, e até se deu ao incómodo de me dar cinquenta *pence* por um segundo original. Mas quando subi o preço para dez libras – achei que era razoável dadas as circunstâncias – respondeu, de forma amável mas firme, «não», esboreando quaisquer planos para uma vida nas artes e fazendo-me voltar à produção de pequenos livros e bandas desenhadas. Se me tivesse sido dada a oportunidade, ter-me-ia enfiado, aos meus amigos e à minha família nos mundos de Nárnia, na Terra Média, ou, ligeiramente mais perto de casa mas de algum modo mais obscuramente, pois descobri-a via televisão por cabo, na cidade de Newcastle, tal como era exibida em *Jossy's Giants*, um programa de televisão sobre uma equipa de futebol.

A minha adoração por *Jossy's Giants* e pelo futebol em geral surgiu muito por causa de uma vincada faceta de maria-rapaz. Eu era – e ainda sou – bem diferente do estereótipo feminino. Tenho uma aversão patológica ao cor-de-rosa e nunca fui muito apreciadora de maquilhagem, roupa cara ou sapatos da moda – ainda hoje, se puser um par de sapatos de salto alto caminho como o Bambi a tentar atravessar o gelo, embora o que poupo em sapatos seja mais do que compensado em verniz das unhas e carteiras. Conforme fui crescendo, sem dúvida que não me preocupava muito com rapazes, um facto que, ironicamente, implicou que tivesse um monte de amigos rapazes na escola, pois jogava alegremente futebol com eles à hora de almoço e não era dada a conversas fúteis. Se me perguntassem de que é que eu mais gostava quando tinha dez anos, teria respondido ler, andar de patins, de bicicleta e trepar à árvore que havia ao fundo do nosso jardim, que me proporcionava uma vista sobre os terrenos das imediações – uma fonte de fascínio inesgotável por motivos que na altura me pareciam muito importantes. A árvore

era o meu lugar privativo – o meu irmão não tinha interesse nos inevitáveis arranhões e na sujidade advindos do salto inicial para ir lá para cima, mesmo com o meu astucioso sistema de roldanas à base de uma corda de saltar, que proporcionava uma impulsão até ao primeiro ramo que dava para trepar. Em muitos aspetos, eu era uma criança bastante solitária, que se sentia bem sozinha, a ler ou a sonhar acordada, o que é provavelmente pouco surpreendente tendo em conta o retrato que acabei de pintar de mim própria como uma tipa algo antissocial.

Naturalmente, nenhuma mulher é uma ilha – mesmo que, caso lhe deem a oportunidade, passe muito tempo a esconder-se no alto de uma cerejeira. O meu irmão foi um companheiro constante e parceiro de conspiração em casa, enquanto na escola – uma primária mista até eu ter onze anos e depois disso um estabelecimento só para raparigas – eu tinha uma grande diversidade de amigos, sendo ainda próxima de muitos deles. Embora não pertencesse ao grupo dos mais populares – tinha uma propensão para me dar com os maluquinhos da música, do teatro, da tecnologia –, dava-me com toda a gente, recorrendo ao humor para suavizar quaisquer problemas quando eles apareciam. Eu era, quando me adaptei à vida do secundário, uma aluna média. Levei algum tempo a encontrar-me, pois passara de ser uma das mais espertas da minha escola primária para uma aluna mediana na maior parte das matérias do secundário, o que implicou que de repente as coisas já não surgissem tão facilmente e exigissem esforço. Em muitos aspetos, tratou-se de um choque cultural, mas provavelmente não foi mau de todo, pois deitou por terra qualquer precocidade que pudesse haver em virtude de ter um ambiente familiar muito solidário onde toda a gente me tomava por uma espécie de génio por eu gostar de ler. Não era a mais bonita ou a mais inteligente da sala, mas percebi rapidamente que isso funcionava em meu favor pois pareceu-me que as raparigas mais espertas e mais bonitas eram as pessoas que atraíam mais rancor. Em vez disso, eu era conscienciosa e esforçava-me bastante, o que resultava de uma necessidade intrínseca de agradar. Apesar das preocupações

ocasionais por dececionar os meus professores ou os meus pais, eu, em geral, adorava a escola. Eu sei, é doentio.

De um modo de certa forma irónico, despertei relativamente tarde no que toca ao romance. Dei o meu primeiro beijo quando tinha doze ou treze anos com um rapaz que conheci por intermédio de um dos meus amigos e, para ser sincera, não fiquei lá muito impressionada. Não houve o ribombar de um trovão, nem música romântica, e seguiu-se uma sensação de anticlímax – não há aqui segundos sentidos. Acho que um de nós chegou a dizer: «Então muito bem.» Basta dizer que ninguém ficou particularmente maravilhado.

Contudo, eu lia as revistas *Just Seventeen* e *Minx* e estava a par da mecânica do sexo, embora não estivesse interessada em experimentá-lo. Aprendera, contudo, que quando não conseguia adormecer, esfregar a mão entre as pernas proporcionava-me um prazer entorpecedor. E quando a minha mente vagueava ao dedicar-me a tal tipo de prazeres, regressava sempre a temas similares.

Sempre gostei de mitos e lendas e o Robin dos Bosques era um dos meus preferidos quando era mais nova. Vi os filmes, as séries – vamos ignorar as encarnações mais recentes antes que eu comece a ranger os dentes – e li todos os livros a que consegui deitar a mão, fossem ficcionais ou históricos. Mas fosse em que formato fosse, tive sempre dificuldade em lidar com Lady Marian. Detestava que ela estivesse sempre a colocar-se em perigo por motivos estúpidos, para depois ter de ser salva. Que não lutasse, nem sequer lhe fosse dada a relativa dignidade de ser um parceiro genuíno e parecesse passar a maior parte do tempo a tratar das feridas dos comparsas do Robin dos Bosques e a olhar pensativamente para o horizonte quando partiam para uma nova aventura.

Apesar disso, a minha parte preferida dessas histórias era quando ela surgia nas mesmas situações de perigo por que eu a desdenhava. Quando era capturada – como inevitável isco numa armadilha para apanhar o Robin dos Bosques, aparentemente o seu grande propósito na vida –, a rebeldia que evidenciava face a Guy de Gisborne

ou ao Xerife de Nottingham estimulava a minha imaginação. Era enfiada em alguma masmorra húmida e muitas vezes as imagens mostravam-na amarrada ou acorrentada. Indefesa. Mas nunca se curvava, digna na sua indignidade, e de alguma maneira aquilo despertava algo em mim, levava o meu coração a bater mais intensamente. Sabem como acontecia quando éramos crianças e algo que se lia ou via nos afetava tão profundamente a imaginação que éramos transportados até lá, que éramos nós naquele momento, a vivê-lo, a senti-lo? (Na verdade, eu digo «quando éramos crianças», mas continuo a sentir o mesmo agora quando leio ou observo algo espantoso, só acontece é com menos frequência.) Bem, todas as cenas que revivi na minha mente comigo a desempenhar o papel principal eram as de Lady Marian, mesmo sendo ela um pouco parva e tendo eu a tendência para ignorar as partes mais chatas depois de o Robin a salvar e ela ter de regressar ao acampamento para voltar a tratar da fogueira. Era nessas histórias que eu pensava quando me deitava à noite na cama.

Bem, pelo menos até descobrir a pornografia.

Quando eu tinha cerca de catorze anos houve um bruá por causa de uma revista que ofereceu, na sua edição mensal, um livro erótico dirigido a mulheres. Não tinha Internet no quarto e, francamente, apesar de saber que quando se pretendia inspiração erótica esse era o lugar ideal, não me interessavam as imagens de mamas, pois tinha as minhas e não achava que fossem assim tão épicas. Este livro, no entanto, era algo diferente. Muita conversa sobre decadência moral e coisas do género implicaram que eu passasse a maior parte do mês desesperada por deitar a mão a um exemplar, em parte por começara a achar que era mais indecente do que as minhas colegas de escola, ou pelo menos mais indecente do que elas se atreviam a admitir. Mas para lá do facto de conseguir ver exatamente o quanto aquele material era escandaloso, poderia, disse a mim própria, funcionar como uma espécie de barómetro de obscenidade.

Só que havia um problema.

A minha vizinha do lado trabalhava na única tabacaria suficientemente grande para vender a revista na nossa cidadezinha e não só ela não me permitiria comprá-la por saber que eu estava bem longe de ter dezoito anos, como se sentiria compelida a contar à minha mãe, o que daria azo a uma daquelas conversas tão detestáveis que nos dão vontade de arrancar os nossos próprios ouvidos para não escutarmos mais nada. Não havia nada a fazer. Portanto, uma tarde, apanhei um autocarro diferente para casa, um que me levou até à cidade mais próxima, e comprei lá a revista, com as mãos a transpirar, ainda com o meu uniforme da escola vestido, aterrorizada com a possibilidade de, a qualquer momento, a mulher desinteressada atrás do balcão perceber que eu era menor e estava descaradamente a comprar aquilo que o *Daily Mail* descrevera como ordinária pura e a exigisse de volta antes que eu inadvertidamente me corrompesse para a eternidade. Mas não o fez. Enfieei a revista na minha mochila e, com o coração aos saltos, percorri a pé os mais de três quilómetros até casa para explicar à minha mãe que estava atrasada por causa de um treino de hóquei.

Ao olhar agora para aquele livro, que não me imagino a deitar fora apesar de estar tão gasto que as páginas começaram a cair, o escândalo e o ultraje na época parecem uma brincadeira. Mas lê-lo na altura foi uma revelação. Os meus capítulos preferidos ainda têm as pontas das páginas dobradas para serem mais fáceis de encontrar. Um trecho em particular envolvia uma mulher arrojada mas vulnerável que está a ter uma discussão com um homem de quem nitidamente gosta mas com quem também está sempre a entrar em colisão. Ela acabou amarrada com heras a uma árvore (já sei, é um bocado parvo, mas não protestem – era uma hera especial grega, que pode ter qualidades de sujeição até aqui desconhecidas), enquanto ele fazia o que queria dela – passar-lhe as mãos pelo corpo, beijá-la de forma depravada, abusar verbalmente dela. Ela ficou ali em pé, excitada contra sua vontade, e ele levou-a a vir-se, tudo sem que ela pudesse fazer nada senão encostar a cabeça à árvore e gemer de prazer. Hoje em dia, parece de muito mau gosto, tipo

romance de cordel, mas na época despertou-me a atenção. De repente, era aquilo que imaginava quando me deitava à noite na cama, agora acompanhado por uma mão entre as pernas, tocando-me para mergulhar num sono feliz.

Naturalmente, chega sempre uma altura na vida de uma rapariga em que os rapazes de carne e osso se sobrepõem na nossa imaginação tanto aos livros como aos Guys de Gisborne (o Robin nunca fez muito o meu tipo). O meu primeiro namorado a sério, mais velho mas não mais sábio, de início pareceu, de alguma forma, reparar em sinais que eu nem percebi que estava a transmitir. Ao contrário de outros rapazes que eu já beijara, segurava a minha cabeça com firmeza, com o rabo de cavalo enrolado na mão, enquanto dávamos um beijo de boa-noite, e eu adorava aquilo. Adorava sentir-me subjugada pela força dele, imóvel enquanto as nossas línguas se entrelaçavam.

Costumava sonhar acordada com as possibilidades daqueles beijos, com aquilo a que poderiam levar, a sugestão que davam de uma faceta diferente dele, uma faceta que o mundo não via mas que eu conseguia sentir, como se essa faceta apelasse a um lado correspondente em mim. E então uma noite, quando dávamos um beijo de boa-noite, mordeu o meu lábio inferior, com tanta força que gemi dentro da boca dele com uma espécie de prazer surpresa. Afastou-se de pronto, quase me arrancando um monte de cabelos na sua pressa, e pediu desculpa por me ter magoado. Pareceu-me esquisito explicar-lhe que na verdade tinha gostado, por isso aceitei as desculpas dele, disse que não tinha importância, e entrei em casa desapontada, com os mamilos eretos e as cuecas húmidas.

Ainda não sabia bem o significado da reação àquele beijo. Só sabia que as raparigas decentes não se excitavam com tais coisas, ou se o faziam de certeza que não falavam do assunto. Por isso, também não o fiz. Segui com a minha vida, passando por todos os marcos habituais. Por fim, eu e o meu primeiro namorado, aproveitando o facto de a mãe dele ter de ir trabalhar para substituir uma colega doente no seu turno como rececionista de um médico, perdemos a

virgindade juntos, mas como nenhum de nós alguma vez o tinha feito, nos sentíamos um pouco constrangidos e estávamos de ouvido atento na eventualidade de a mãe dele regressar inesperadamente a casa, a experiência foi banal e, apesar de bastante agradável, não me levou ao céu. Mais tarde, cheguei à conclusão de que não fora tão agradável quanto deitar-me na cama a tocar-me – embora na altura não tivesse aliado isso ao facto de não ter atingido o orgasmo. Tendo em conta o quanto as nossas tentativas desajeitadas eram ingénuas e experimentais, parece um milagre termos conseguido sequer ter qualquer espécie de relação sexual naquela primeira vez. Contudo, constatámos que a prática faz, se não a perfeição, «pelo menos o suficiente para que ambos sorríssemos com um ar parvo por um bom bocado depois do ato», embora a falta de privacidade tivesse implicado que estivéssemos constantemente com receio de sermos descobertos *in flagrante delicto*, e tivéssemos desenvolvido um talento para mudar rapidamente de roupa que teria deixado o Clark Kent orgulhoso, embora possivelmente também um pouco perturbado.